

Safrá 2007/08

## Cenário internacional de alta de preços

DURANTE 2007, os preços das *commodities* agrícolas chegaram ao auge em termos nominais. O índice de preços de alimentos está no mais alto nível. Em termos reais, os preços subiram intensivamente desde 2005.

Existem prós e contras com relação ao alimento mais caro, pois;

- Onera o orçamento dos consumidores, sobretudo em países pobres;
- Melhora a renda de produtores rurais e comunidades agrícolas;
- Incentiva o emprego e o crescimento econômico de muitas regiões rurais pobres;
- Causa a revisão das políticas públicas para o campo;
- Minimiza o impacto sobre moradores de favelas e trabalhadores sem-terra.

Para cada um destes pontos, cabe uma detalhada prospecção quanto à falta de segurança alimentar, pobreza rural e gestão ambiental. Mesmo com subsídios e barreiras comerciais, agricultores ocidentais perderam renda e não acompanharam o grau de eficiência exigido. Nenhuma política conseguiu reverter isso.

A agroinflação é produto de um ciclo paradoxal das políticas agrícolas. Nos EUA, os subsídios para o etanol compensam aqueles antigos, que estimulavam produção excessiva e reduziam preços. Agora, a Argentina propõe ao Mercosul taxar as exportações de alimentos. Outros países impõem controle de preços, e o avanço na área de lavouras pressiona o meio ambiente. As derivações correm por aí.

Uma sugestão para os seminários e discussões é sobre política governamental. Qual a de maior eficácia, aquela

### Mundo: produção de grãos (milhões de toneladas)

Discriminação	2007/08	2006/07	Variação (%)
Trigo	602,3	593,7	1,4
Arroz beneficiado	420,5	417,7	0,7
Milho	769,3	703,9	9,3
Soja	221,6	235,6	-5,9
Farelo de soja	161,3	153,7	4,9
Óleo de soja	38,0	36,3	4,7
Grãos forrageiros <sup>1</sup>	1.054,3	980,6	7,5
Total de Grãos	2.077,1	1.991,9	4,3

<sup>1</sup> milho, sorgo, cevada, aveia, centeio e arroz beneficiado

Fonte: USDA



com intervenção via controle de preços e restrição às exportações ou a de subsídio de renda? Qual melhora a renda do campo?

O momento é oportuno para isso, diante da previsão de aperto dos estoques e de alta do preço dos principais produtos agrícolas. A relação entre o estoque final e o consumo vem em processo de queda nos últimos anos. Servem como exemplos dessa assertiva o milho, a soja e o trigo. Sem provocar surpresa, os relatórios mensais do USDA já estão precificados pelo mercado.

### Milho versus soja

A soja, com o preço em alta, deverá ocupar a área do milho, mesmo com o aumento da demanda pelo grão. Só haverá área extra para plantio de milho nos Estados Unidos se forem ocupadas áreas de conservação, o que depende de liberação do governo.

Na bolsa de especulação, analistas apostam, em termos de área, para a safra 2008/09 no:

- Avanço da soja para 28,3 milhões de hectares, contra 25,8 milhões na última safra;
- Recuo no milho para 35,4 milhões de hectares, contra 37,9 milhões no ano anterior.

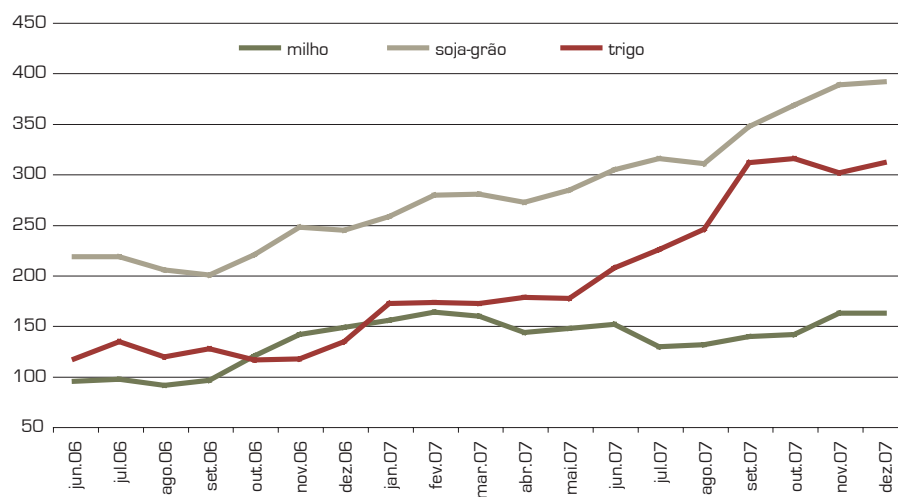
A soja tende a ser o produto de melhor preço em 2008, em torno de US\$ 14,50 o *bushel* nos próximos 12 meses. A média histórica é de US\$ 6,22 o *bushel*. Com base em uma safra normal na América do Sul e na futura dos EUA, seria natural um de recuo importante nesses preços. Porém, caso haja frustração climática, o quadro será dramático.

A curto prazo, a leitura do mercado foi positiva em pelo menos dois aspectos:

- A aprovação do novo Farm Bill pelo Senado estadunidense;
- A decisão dos fundos de se desfazerem de contratos de petróleo para apostar nos grãos.

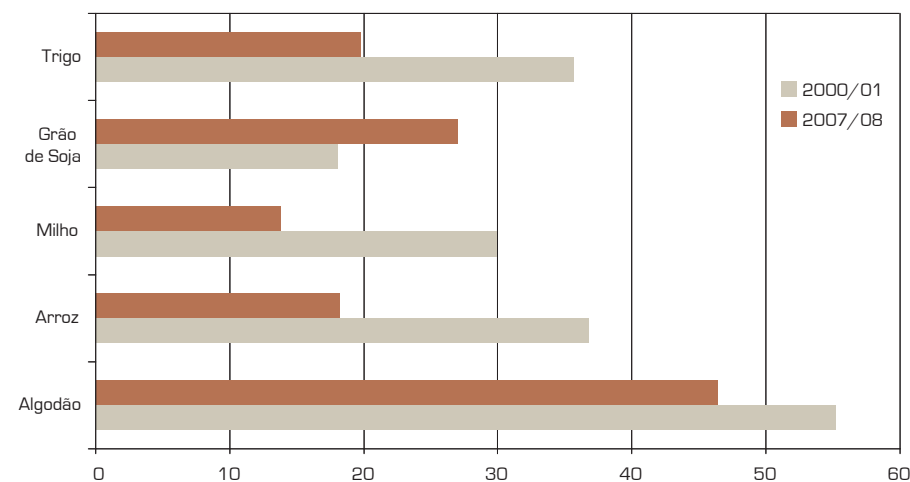
Com contágio similar, o trigo negociado em Chicago apresenta a maior variação positiva nos últimos doze meses, for-

### Preços das *commodities* agrícolas em tonelada (US\$/tonelada)



Fonte: Bolsa de Chicago

### Mundo: relação entre estoque versus consumo [%]



Fonte: USDA

temente impulsionada pelas quebras de safra em produtores importantes como Ucrânia e Austrália.

Com maior demanda mundial, baixos níveis de estoques e oferta mais reduzida, os contratos futuros apontam para elevação ao longo do primeiro trimestre do próximo ano, sempre acima de US\$ 8 por *bushel*. Além disso, há o risco dos estoques decrescerem ao nível de 100 milhões de toneladas, o menor dos últimos 29 anos. Há ainda o custo do transporte diante do aumento dos preços do petróleo. A con-

seqüência é uma inflação no preço do pão em muitos países.

De um modo geral, as cotações dos grãos atingiram um platô bem alto. Se não houver problemas na safra sul-americana ou uma explosão de demanda, sobra pouco espaço para novas altas, mesmo com a atuação dos fundos. Isso está longe de significar quedas significativas de preços. A volatilidade dos preços fica maior por causa da forte queda registrada na relação entre estoque e demanda. ■